

Facilitadores e barreiras para a prática esportiva por parte de atletas com comprometimentos no Brasil

Facilitators and barriers for sports practice by athletes with impairments in Brazil

Facilitadores y barreras para la práctica deportiva de atletas con discapacidad en Brasil

Yasmin Vicente Vieira, Jackeline Colere, Doralice Lange de Souza
Universidade Federal do Paraná (Brasil)

Resumo: Objetivo do estudo foi o de explorar os facilitadores e as barreiras para a prática esportiva por parte de atletas com comprometimentos (ACC), de alto rendimento e brasileiros, ativamente envolvidos em competições de nível nacional e/ou internacional. A pesquisa foi de caráter qualitativo e exploratório. A coleta de dados foi feita através de entrevistas semiestruturadas com nove ACC de seis modalidades paralímpicas. Realizamos uma análise indutiva e temática dos dados. Os principais facilitadores citados foram: apoio da família; exemplo de outros ACC através da mídia; socialização; ganhos financeiros com o esporte; incentivos por parte de centros de reabilitação e de profissionais da saúde; possibilidade de conhecer novos lugares; gosto pelo esporte e pela competição; melhoria de percepção em relação às suas capacidades; ganho de autonomia; acesso a locais que ofereçam gratuitamente o esporte paralímpico (EP) para pessoas com comprometimento. De acordo com os ACC entrevistados, a permanência no EP gera sentido e significado às suas vidas. As barreiras mais citadas foram: desgaste físico; falta de valorização e reconhecimento como atletas; ausência de patrocínio; dificuldades de acessibilidade; falta de divulgação midiática. Este estudo oferece subsídios para a construção de políticas públicas voltadas para o EP e para o trabalho de profissionais na área.

Palavras-Chave: Atletas com comprometimentos; Facilitadores; Barreiras; Benefícios; Esporte paralímpico.

Abstract: The objective of the study was to explore the facilitators and barriers to the practice of sports by Brazilian elite athletes with impairments (AWI), actively involved in competitions at national and / or international level. The research was qualitative and exploratory. We collected the data through semi-structured interviews with nine AWI involved with six Paralympic sports. The main facilitators that they cited were: family support; example of other AWI through the media; socialization; financial gains; incentives from rehabilitation centers and health professionals; possibility of visiting new places; taste for sport and competition; improved perception of their capabilities; development of autonomy; access to places that offer free Paralympic sports (PS) for people with impairments. An important factor for the permanence of AWI in PS is that it generates meaning for their lives. The most cited barriers were: physical wear and injuries; lack of appreciation and recognition of athletes as sports professionals; lack of sponsorship; accessibility difficulties; lack of media coverage. This study offers subsidies for the development of public policies for PS and for the work of professionals in this field.

Key words: Athletes with impairments; Facilitators; Barriers; Benefits; Paralympic sports.

Resumen: El objetivo de este estudio fue explorar los facilitadores y las barreras para la práctica de deportes por parte de atletas con discapacidad (ACD), brasileños, de alto rendimiento, activamente involucrados en competiciones a nivel nacional y / o internacional. La investigación fue cualitativa y exploratoria. Realizamos la recolección de datos a través de entrevistas semiestruturadas a nueve ACD de seis deportes paralímpicos (DP). Los principales facilitadores mencionados fueron: apoyo familiar; ejemplo de otros ACD a través de los medios; socialización; beneficios económicos del deporte; incentivos de centros de rehabilitación y profesionales de la salud; posibilidad de visitar nuevos lugares; gusto por el deporte y la competición; mejor percepción de sus capacidades desarrollo de la autonomía; acceso a lugares que ofrecen deportes gratuitos adaptados para ACD, y acceso a lugares libres y aptos para los DP. Un factor importante para la permanencia de los deportistas en el DP es que genera sentido y significado en sus vidas. Las barreras más citadas fueron: desgaste físico; falta de valoración y reconocimiento de los deportistas como profesionales del deporte; falta de patrocínio; dificultades de accesibilidad; falta de difusión mediática. Este estudio ofrece sugerencias para la construcción de políticas públicas orientadas al DP y por el trabajo de los profesionales en este campo.

Palabras clave: Atletas con discapacidad; Facilitadores; Barreras; Beneficios; Deporte paralímpico.

Introdução

No último censo demográfico brasileiro o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (IBGE, 2010) identificou que 23,9% da população brasileira tem pelo

menos um tipo de comprometimento, seja ele visual, auditivo, motor, mental ou intelectual. Também de acordo com dados deste censo, reavaliados anos depois, 6,7% da população possui comprometimento físico, auditivo, visual ou mental/intelectual e têm «muita dificuldade» ou «não conseguem de modo algum» andar ou subir degraus, ouvir, enxergar, e/ou realizar atividades habituais tais como brincar, ir à escola ou trabalhar (Simões et al., 2018). Do total da população, 37,9% pratica algum tipo de atividade física ou esportiva

Fecha recepción: 22-10-20. Fecha de aceptación: 16-02-21

Yasmin Vicente Vieira
yasvvieira@outlook.com

(IBGE, 2015). Note que utilizamos a expressão «pessoas com comprometimento» (PCC) ao invés de «pessoas com deficiência». Embora no Brasil a grande maioria das pessoas continue utilizando a segunda expressão, optamos por seguir as recomendações do Comitê Paralímpico Internacional (IPC) (IPC, 2017) para a utilização do termo «impairment» (comprometimento) ao invés de «disability» (deficiência).

O esporte paralímpico (EP) é uma das diferentes possibilidades de prática de exercício físico para PCC. Ele surgiu em um cenário pós-guerra, com o intuito de promover a reabilitação e melhoria da qualidade de vida dos soldados que adquiriram comprometimentos durante as batalhas (Torri & Vaz, 2017). Com o tempo, o EP cresceu em outras dimensões, inclusive no alto-rendimento, gerando oportunidades de profissionalização dos atletas (Benfica, 2012).

São vários os possíveis benefícios da prática esportiva para os atletas com comprometimentos (ACC), como por exemplo: oportunidades de socialização (Benfica, 2012; De Araújo, 2017; Fermino, 2020; Hutzler & Bergman, 2011; Labronici et al., 2000; Martin, 2010; Oliveira et al., 2013; Pereira et al., 2013; Teodoro, 2006; Velasco et al., 2017; Wu & Williams, 2001); independência (Amorim et al., 2010; Benfica, 2012; Cardoso, 2011; Labronici et al., 2000; Pack et al., 2016; Pereira et al., 2013; Scherer et al., 2011; Velasco et al., 2017), qualidade de vida (Amorim et al., 2010; Benfica, 2012; Brazuna & Mauerberg-deCastro, 2001; Cardoso, 2011; Pereira et al., 2013; Teodoro, 2006; Tsutsumi et al., 2004) melhoria das condições físicas e motoras (Scherer et al., 2011; Tsutsumi et al., 2004; Velasco et al., 2017), oportunidades econômicas, culturais e educacionais (Benfica, 2012; Florence, 2009); autoestima e/ou autoconfiança e/ou realização pessoal (Benfica, 2012; Cardoso, 2011; Costa et al., 2002; Fermino, 2020; Florence, 2009; Labronici et al., 2000; Martin, 2010; Oliveira et al., 2013; Pack et al., 2016; Pereira et al., 2013; Ranieri, 2011; Tsutsumi et al., 2004; Velasco et al., 2017).

Ao entrar no esporte, muitos ACC se deparam com diversas condições que favorecem e/ou limitam a participação e o desenvolvimento deles no meio esportivo. Neste contexto, o objetivo deste trabalho foi o de explorar os facilitadores e as barreiras para a prática esportiva por parte de ACC, brasileiros e de alto rendimento, ativamente envolvidos em competições de nível nacional ou internacional.

Alguns estudos vem discutindo os benefícios, significados, facilitadores e/ou barreiras da prática esportiva

para ACC de alto rendimento (Benfica, 2012; Bragaru et al., 2013; Cardoso et al., 2019; Coakley & Pike, 2013; Da Costa et al., 2014; De Araújo, 2017; Fermino, 2020; Hutzler & Bergman, 2011; Jaarsma, 2014; Jaarsma, Dijkstra, et al., 2014; Jaarsma, Geertzen, et al., 2014; Samulski & Noce, 2002; Scelza et al., 2005; Stephens et al., 2012; Velasco et al., 2017; Wilson & Khoo, 2013). No entanto, existe ainda a necessidade de mais estudos sobre estas temáticas, explorando-as a partir da perspectiva de atletas com diferentes graus de comprometimento, diferentes modalidades, e vivendo em diferentes contextos e localidades. Visamos com este estudo gerar conhecimentos que somem esforços neste sentido, com o intuito de subsidiar o trabalho de profissionais do esporte (gestores, treinadores, técnicos). Visamos também contribuir para com o desenvolvimento de políticas públicas que possam estimular e possibilitar o desenvolvimento esportivo no Brasil e em outras localidades com realidades similares.

Métodos

A pesquisa foi de cunho qualitativo e exploratório e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Paraná (CAAE: 68196517.1.0000.0102). A coleta de dados foi realizada através de entrevistas semiestruturadas com nove ACC, de alto rendimento (três mulheres e seis homens), residentes na cidade de Curitiba/PR, com idade entre 19 e 55 anos. Dentre eles, oito possuem comprometimento físico e um, comprometimento visual. Localizamos os atletas através de indicações de conhecidos e por meio dos próprios entrevistados que indicaram colegas. Incluímos no estudo apenas ACC envolvidos ativamente com o EP e que haviam participado de algum evento desportivo a nível nacional e/ou internacional (ex. Jogos Paralímpicos Rio 2016, Jogos Parapan-Americanos de 2015 e Jogo Parapan-Americanos de 2019).

Após o esclarecimento dos procedimentos da pesquisa, os entrevistados assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A tabela 1 apresenta os participantes da pesquisa e algumas das suas características. Ressaltamos que utilizamos os nomes reais dos entrevistados, uma vez que todos os participantes preferiram que não utilizássemos pseudônimos.

As entrevistas foram individuais e realizadas em sua maior parte presencialmente no local de treino dos ACC. Apenas uma entrevista foi realizada por Skype, devido à falta de disponibilidade do entrevistado para

Tabela 1
Caracterização dos entrevistados

Nome	Idade (anos)	Sexo	Tipo de comprometimento	Comprometimento: Congênito ou adquirido	Modalidade	Tempo envolvido com a modalidade (anos)
Alexandre Salum de Oliveira	33	M	Tetraplegia	Adquirida: Arma de fogo	Bocha	2
Carmen Silva Santos	55	F	Paralisia de membros inferiores	Adquirida: Sequela de poliomielite	Atletismo	27
Ediandro Adir Casagrande	30	M	Amputação na perna direita	Adquirida: Acidente automobilístico	Vôlei Sentado	2
Eliseu dos Santos	43	M	Distrofia muscular de Becker	Adquirida: Distrofia muscular de Becker	Bocha	14
Evandro Dalques Pena	24	M	Comprometimento visual total	Congênita	Goalball	11
Gabriel Anthony Cordeiro Alves	19	M	Paralisia cerebral	Congênita	Natação	4
João Lucas Bezerra	20	M	Amputação na perna direita	Adquirida: Acidente automobilístico	Natação	3
Mari Christina Santilli	42	F	Amputação na perna esquerda	Adquirida: Acidente automobilístico	Paracanoagem	6
Tisbe de Souza Andrade Silva	21	F	Artrogrípse múltipla congênita	Congênita	Natação	11

Legenda: Sexo: Masculino (M) e feminino (F)
Fonte: Dados da pesquisa

realizá-la presencialmente. Elas duraram de 40 minutos a uma hora e ocorreram entre os dias 27 de novembro de 2019 e nove de março de 2020. Realizamos as entrevistas a partir de um roteiro semiestruturado (tabela 2). Transcrevemos todas elas na íntegra e realizamos uma análise indutiva e temática dos dados (Braun & Clarke, 2006), tendo como foco os principais temas que emergiram da fala dos participantes.

Tabela 2
Roteiro da entrevista

1. Levantamento de informações básicas (nome, idade, tipo de comprometimento e se a mesma é congênita ou adquirida, modalidade esportiva praticada).
2. Conte sobre a sua trajetória esportiva: quanto tempo está inserido/a no meio esportivo.
3. O que te motivou a ingressar e continuar no esporte?
4. O que a participação no esporte significa para você? Qual o impacto dele em sua vida?
5. Quais os pontos positivos e negativos para a sua participação no esporte?
6. Quais as barreiras para a sua participação esportiva?
7. Quais os facilitadores para a sua participação esportiva?
8. Como era a percepção da sua família e a sua em relação ao seu comprometimento antes de você se engajar no esporte? Ela se alterou depois que você se engajou no meio esportivo?

Fonte: Dados da pesquisa

Resultados e discussão

Organizamos o texto em duas partes. A primeira discute os facilitadores e a segunda as barreiras mencionados pelos ACC.

Principais facilitadores para o envolvimento com o EP

Para sete dos nove entrevistados, a família é um forte pilar de incentivo e apoio à prática esportiva.

«Eles [a família] me apoiaram totalmente! . . . Vinham comigo para os treinos, para as competições. . . Até hoje o meu irmão me ajuda nos treinos» (ELISEU, Bocha).

«[A esposa] apoia muito. . . Ela que me traz nos treinos, me orienta quando está certo e quando está errado. . . Quando tem competições, ela está comigo viajando» (ALEXANDRE, Bocha).

Quatro entrevistados declararam que o apoio financeiro oferecido pela família foi, e em alguns casos, continua sendo essencial para que eles pudessem ingressar e permanecer no EP.

«Minha mãe no começo foi minha patrocinadora máster. . . Ela que arcou com tudo [financeiramente]» (JOÃO LUCAS, Natação).

«Se eu não tivesse meus pais me dando o apoio financeiro eu não iria conseguir continuar» (TISBE, Natação).

Vários trabalhos apontam que a família é fundamental para o ingresso e permanência

no esporte (Benfica, 2012; Biduski et al., 2016; Carmona, 2015; Costa et al., 2002; De Araújo, 2017; Florence, 2009; Haiachi et al., 2016; Ranieri, 2011). Os incentivos (Brazuna & Mauerberg-deCastro, 2001; Buffart et al., 2009; Cardoso et al., 2019; Carmona, 2015; Martin, 2010; Seron et al., 2015; Teodoro, 2006) e a ajuda financeira oferecida pelas famílias são essenciais até que o atleta consiga se destacar na modalidade e conquiste uma renda a partir de sua participação esportiva (Buffart et al., 2009; Teodoro, 2006). O apoio da família é também necessário para que os ACC consigam enfrentar as barreiras envolvidas na carreira esportiva (Campos et al., 2017; Cardoso et al., 2019; Haiachi et al., 2016; Jaarsma, Geertzen, et al., 2014; Teodoro, 2006). Conforme apontam alguns autores como Cardoso et al. (2019) e Fermino (2020), a ausência do suporte da família pode trazer consequências negativas para a vida social e emocional do atleta, o que pode afetar a sua permanência no esporte e o desenvolvimento de suas habilidades esportivas. Mas ao mesmo tempo em que o apoio da família é importante, três entrevistados afirmaram que antes de entrarem no esporte, as suas famílias eram exageradamente protecionistas. Isto, de acordo com eles, pode ter atrasado um pouco o desenvolvimento da independência deles.

«Eles [a família] acabaram sendo muito protecionistas. Até uns anos atrás . . . eu dependia muito deles [membros da família]. . . Mas passou, hoje eu estou independente! . . . Acho que eles tinham medo, por eu ter deficiência» (GABRIEL, Natação).

Outro fator citado por sete entrevistados como motivador para a prática esportiva foi o exemplo de outros desportistas:

«Meu ídolo digamos assim. . . É Alex Melo, campeão mundial da seleção brasileira. . . Eu pensava: É nesse cara que eu vou me inspirar» (EVANDRO, Goalball).

Todos os entrevistados que adquiriram o comprometimento ao longo da vida mencionaram que a observação direta ou indireta (através da mídia) de outros atletas com realidades similares também os inspiraram para a prática.

«O Vinicius do atletismo, ele também teve a perna amputada! . . . [Ele] sofreu um acidente parecido com o meu . . . Amputou a perna . . . E hoje ele é recordista mundial . . . [Isso] me inspira muito, me dá motivação» (JOÃO LUCAS, Natação).

Os três ACC de natação que entrevistamos citaram Daniel Dias, atleta multimedalista brasileiro como uma fonte motivadora para o ingresso e continuidade no EP. Vários estudos apontam que os exemplos e/ou as conquistas de ACC podem se constituir como fontes de inspiração para PCC se engajarem e/ou seguirem carreira no esporte (Cardoso et al., 2018; Coates & Vickerman, 2016; Fermino, 2020; Haiachi et al., 2016; Silva & Howe, 2012; Souza & Brittain, 2021).

Para seis dos entrevistados, o contato com outros ACC através dos treinos e especialmente, em competições, é um importante meio de inspiração, incentivo e motivação para o engajamento e desenvolvimento deles no EP.

«Nas competições a gente conhece pessoas novas, faz novas amizades . . . conhece pessoas de novos países» (GABRIEL, Natação).

O envolvimento com o EP amplia o leque de convivência social das PCC (Fermino, 2020; Kristén et al., 2002; Velasco et al., 2017). Isto, por sua vez, pode gerar um sentimento de pertencimento a outro grupo que não o familiar, o que pode melhorar a autoestima (Fermino, 2020; Haiachi et al., 2016; Mauerberg-deCastro et al., 2016) o desenvolvimento de uma perspectiva mais positiva sobre as capacidades e possibilidades das mesmas (Swartz et al., 2018).

Devemos alertar, no entanto, que nem sempre a socialização é uma prioridade para os ACC de alto rendimento. Da Costa et al. (2014), por exemplo, ao estudarem um grupo de 25 atletas, concluíram que a busca por desempenho esportivo se sobressaia em relação à outros interesses tais como a socialização.

Seis entrevistados revelaram que têm o esporte como profissão, o que os motiva a permanecerem no EP.

«Eu tenho a carteira assinada com o cargo atleta. Consigo legitimar que realmente é um trabalho! . . . Me perguntam «qual a sua profissão? « Eu falo «atleta»! Porque é uma profissão! . . . Querendo ou não são seis horas por dia, de segunda a sábado» (TISBE, Natação).

De acordo com o censo demográfico brasileiro (IBGE, 2010), a taxa de alfabetização da população geral é de 90,6 %, enquanto das pessoas com pelo menos um comprometimento é de 81,7%. Desta forma, elas têm mais dificuldade para se inserir no mercado de trabalho.

Neste cenário, o esporte passa a ser uma opção profissional (Benfica, 2012). No entanto, esta opção não é desejada e nem acessível e/ou possível a todos. Muitos não gostam da prática esportiva de alto rendimento e/ou não têm acesso ao esporte (Torri & Vaz, 2017). Vale também ressaltar que, se por um lado o esporte se constitui em uma via de inclusão social, por outro ele tende a segregar aqueles que não obtêm sucesso (Cherney et al., 2015).

O EP é a única fonte de renda para seis de nossos entrevistados:

«É meu trabalho então eu tenho que estar aqui querendo ou não! . . . Às vezes eu não acordo com vontade de treinar, mas eu tenho que treinar, porque a minha evolução depende disso. . . É minha fonte de renda» (JOÃO LUCAS, Natação).

Do ponto de vista socioeconômico, muitas pessoas, principalmente das classes menos favorecidas, veem o esporte como um dos únicos meios de ascensão social (Viana & Mezzaroba, 2013). No entanto, são muitas as barreiras para o desenvolvimento da carreira de um atleta (Haiachi et al., 2016; Mauerberg-deCastro et al., 2016).

Seis entrevistados destacam que um dos principais motivos para o seu envolvimento com o esporte é o gosto pela prática esportiva e/ou pela competição:

«O que me motivou primeiramente é o gosto. . . Não consigo mais desgrudar [do esporte]» (EVANDRO, Goalball).

«Eu sempre fui muito competitivo. . . Sempre gostei desse ambiente de competição, isso que me atraiu» (GABRIEL, Natação).

O gosto pelo esporte pode levar a um envolvimento profundo com o mesmo, o que tende a ser fundamental para que o atleta possa atingir bons resultados. Este gosto pode estar associado às oportunidades de superação que o EP oferece. Para alguns ACC, o envolvimento com o esporte propicia com que eles compitam contra o seu comprometimento e contra os pensamentos construídos pela sociedade de que as PCC não são tão capazes quanto as pessoas sem comprometimentos (Brazuna & Mauerberg-deCastro, 2001).

Cinco dos seis entrevistados que adquiriram o comprometimento ao longo da vida destacaram que eles conheceram ou se inseriram no meio esportivo graças ao acesso às informações e recomendações que receberam em associações de PCC e/ou centros de reabilitação e/ou através de profissionais da saúde.

«Eu estudava na associação dos deficientes visuais e eu ouvia muito sobre a modalidade de goalball. . . Em

2009 eu fui atrás. Acabei gostando e estou até hoje» (EVANDRO, Goalball).

«Eu conheci o esporte no centro de reabilitação após as terapias, conhecendo algumas modalidades de esporte, inclusive a que pratico hoje, a bocha» (ALEXANDRE, Bocha).

A disponibilização de informações sobre os benefícios da prática esportiva pode ajudar a motivar as PCC a conhecerem e a se engajarem neste meio (Buffart et al., 2009; Sousa, 2014; Stancil, 2017; Swartz et al., 2018; Teodoro, 2006; Tsutsumi et al., 2004; Wu & Williams, 2001). No entanto, nem sempre as associações de PCC e os profissionais da saúde têm conhecimento e/ou repassam informações sobre a possibilidade da vivência esportiva por parte de PCC.

Seis entrevistados declararam que o envolvimento deles com o EP ajudou a mudar a percepção da família em relação aos seus potenciais e capacidades:

«Depois que eu entrei no esporte todo mundo conseguiu enxergar que eu sou uma pessoa capaz» (TISBE, Natação).

«Depois da minha entrada no esporte a visão deles [a família] ficou bem mais aberta. . . . Hoje eu sou independente» (GABRIEL, Natação).

A mudança de percepção das famílias tende a ocorrer quando os ACC obtêm sucesso no esporte (Florence, 2009). A partir de então, a família tende a melhor apreciar as capacidades de seus parentes com comprometimento, que por sua vez, passam a ser um motivo de orgulho. Isto, conseqüentemente, contribui para com uma melhor aceitação do atleta em relação ao seu comprometimento (Pack et al., 2016; Sousa, 2014; Stephens et al., 2012; Teodoro, 2006). A vivência esportiva leva as PCC a desafiar e a interromper as restrições impostas pela família e por outras pessoas (Swartz et al., 2018). Ao superarem limitações, elas mostram que o comprometimento não é necessariamente algo trágico como a maioria das pessoas tende a pensar (Sousa, 2014; Swartz et al., 2018).

Quatro entrevistados mencionaram que a percepção deles em relação às suas próprias capacidades se alterou para melhor depois que entraram no esporte. Tal como apontado pelos atletas no estudo de Swartz et al. (2018), eles deixaram de se ver como inferiores às pessoas sem comprometimentos:

«Eu consigo fazer absolutamente tudo [no esporte], tanto que uma pessoa sem deficiência se fosse jogar comigo, não daria tanta diferença assim» (EDIANDRO, Vôlei sentado).

A ampliação de horizontes através das viagens foi

citada por cinco entrevistados como um fator que contribui para a permanência no esporte:

«Viajei bastante como nunca! . . . Com o esporte eu já tive oportunidade de fazer viagens que eu nunca pensei em fazer» (EDIANDRO, Vôlei sentado).

«Conheci novos lugares. . . . As viagens ajudaram na minha evolução pessoal. . . . Ver novos lugares que eu nunca imaginei na vida ver» (GABRIEL, Natação).

O esporte de alto rendimento pode proporcionar oportunidades de viagens (Benfica, 2012), o que para muitos, não seria possível se não fosse através do envolvimento com o esporte. Três entrevistados ressaltaram que o esporte os auxiliou no ganho de autonomia:

«Esporte para mim como deficiente representa a questão de autonomia, liberdade. . . . Porque você fez um esporte e tem uma noção espacial» (EVANDRO, Goalball).

O atleta citado acima possui comprometimento visual. Ele revelou que a prática esportiva o ajudou a desenvolver uma melhor noção espacial, ajudando-o a se deslocar com mais segurança e autonomia pela cidade. Outros estudos envolvendo PCC visual também apontaram este benefício da prática esportiva (Amorim et al., 2010; Pereira et al., 2013; Scherer et al., 2011; Velasco et al., 2017).

Outro fator motivador para a prática esportiva citado por três entrevistados é o acesso a locais gratuitos e adaptados para a prática de esportes:

«O projeto da (Pontifícia Universidade Católica do Paraná) em si é um facilitador muito grande para as pessoas da comunidade de Curitiba e região. . . . Normalmente tem que pagar e um projeto como esse dá a oportunidade sem ter que arcar com custos» (JOÃO LUCAS, Natação).

Tendo em vista que muitas modalidades utilizam materiais com custos elevados, é importante que existam parcerias com locais apropriados e gratuitos para o desenvolvimento do esporte (Araújo et al., 2020). Isto, por sua vez, contribui para que mais pessoas com e sem comprometimentos se engajem no esporte.

Por fim, mas não menos importante, ressaltamos que os nove entrevistados enfatizam que a participação no EP dá sentido e significado às suas vidas, o que os motiva a continuar no esporte.

«Quando começou a aparecer a distrofia eu achava que tinha acabado a minha vida. . . . Depois que eu conheci o esporte ele completou minha vida de um jeito que eu não imaginava! . . . Ele [o esporte] devolveu sonhos que achei que não conseguiria mais» (ELISEU,

Bocha).

«O esporte é minha vida! . . . É tudo o que eu tenho! . . . É meu objetivo pessoal! . . . Tenho que dar o meu máximo sempre» (GABRIEL, Natação).

«Todo atleta que realmente ama algum esporte fala que ele significa tudo na vida. . . . Tudo que eu sou é graças a natação, eu construí a pessoa que eu sou [na natação]» (TISBE, Natação).

Três entrevistados revelaram ter pensado que a vida deles havia acabado após terem adquirido o comprometimento. Mas, com o apoio, inventivo da família, de outras pessoas e com a entrada no EP, perceberam que a vida continuaria, de outra forma.

Principais barreiras para o envolvimento com o EP

Ao falarem sobre as barreiras para o envolvimento no esporte, quatro participantes disseram que o EP de alto rendimento é o oposto de saúde, uma vez que desgasta o atleta e pode gerar lesões ao corpo:

«Ele [alto rendimento] mais prejudica o seu corpo do que traz bons aspectos para a saúde. . . . tem que buscar o seu máximo. . . . você não aguenta» (GABRIEL, Natação).

«Ele não é saúde, ele é o oposto! A gente vai muito ao limite físico, muscular e articular. . . . Isso gera riscos de lesões. . . . No alto nível não adianta. Isso vai acontecer. . . . São consequências» (MARINA, Paracanoagem).

Muitos acreditam que o esporte de alto rendimento gera benefícios para a saúde (Viana & Mezzaroba, 2013). Mas os treinos intensos, com cargas elevadas, bem como a superação de desafios com objetivo de obter recordes, são características importantes deste tipo de esporte. O esporte de alto rendimento exige o máximo do atleta do ponto de vista físico e psicológico (Benfica, 2012; Brazuna & Mauerberg-deCastro, 2001), podendo gerar lesões e malefícios para a saúde (Haiachi et al., 2016; Mauerberg-deCastro et al., 2016; Viana & Mezzaroba, 2013). A busca incansável por medalhas pode levar o corpo ao limite, o que por sua vez, pode causar o abandono do esporte (Teodoro, 2006).

Quatro entrevistados reclamaram da falta de visibilidade do EP na mídia. Isto, segundo eles, dificulta o acesso às informações a respeito do EP, e consequentemente, sobre as conquistas de ACC brasileiros.

«Está faltando mais visualização, mostrar mais o esporte para deficiente. . . . A gente só vê na TV o Olímpico. . . . Tem muito deficiente que acha que não pode fazer nada, mas pode fazer muita coisa»

(EDIANDRO, Vôlei sentado).

«O esporte paralímpico no Brasil é muito mais qualificado [nas medalhas] Tem que ser mostrado! . . . Não é possível que a mídia fique de olhos fechados para um detalhe desse» (EVANDRO, Goalball).

Não localizamos nenhum estudo que tenha investigado a visibilidade do EP na mídia brasileira, exceto durante a realização dos Jogos Paralímpicos (JP). Vale ressaltar que esta aumentou consideravelmente durante a edição Rio 2016, uma vez que o evento aconteceu no Brasil, o que gerou um maior interesse no mesmo (Santos et al., 2019; Souza & Brittain, 2020). Após o evento, no entanto a visibilidade do EP diminuiu expressivamente. Mas algumas mídias mantiveram para o EP um espaço um pouco maior do que tinham antes da candidatura do país para sediar os Jogos Paralímpicos Rio 2016 (Souza & Brittain, 2020).

Quatro entrevistados, tal como participantes de outros estudos, citaram a falta de patrocínio como uma importante barreira para o desenvolvimento deles como atletas. Eles também afirmaram que a falta de investimentos em atletas leva muitos a abandonarem o esporte.

«É muito difícil de conseguir patrocínio. . . . Então, quem não tem recurso não consegue ir pra frente» (TISBE, natação).

«A falta de patrocínio. . . . Muitos atletas começam, as vezes tem futuro no esporte, só que por falta de investimentos. . . . eles não conseguem chegar a um patamar alto no esporte. . . . Não ter patrocínio atrapalha muito» (ELISEU, bocha).

«Muitos atletas não têm condições, por isso desistem» (CARMEN, Atletismo).

A escassez de patrocínio é uma grande barreira para o desenvolvimento de atletas (Benfica, 2012; Stephens et al., 2012), causando, em muitos casos, o abandono do esporte (Benfica, 2012; Haiachi et al., 2016; Mauerberg-DeCastro et al., 2016; Teodoro, 2006). A falta de incentivos financeiros para o EP está relacionada com diferentes fatores. Um deles é que o público tem pouco conhecimento sobre este tipo de esporte (Mauerberg-deCastro et al., 2016). Ou seja, não existe ainda uma cultura esportiva relacionada com o EP que consiga atrair investimentos privados significativos para o EP. Outro fator, é a baixa visibilidade do EP na mídia. Existe uma estreita ligação entre esta baixa visibilidade e a capacidade dos órgãos gestores do EP de levantar fundos, conquistar patrocinadores e de melhorar as condições de marketing do EP (Brittain, 2010). Ainda outro fator que interfere com patrocínios é que muitos possíveis

patrocinadores não desejam associar as suas marcas com o EP e nem com ACC, uma vez que os corpos destes atletas se distanciarem do ideal de corpos bonitos, fortes e ágeis que as marcas procuram (Faria & Carvalho, 2011; Marques et al., 2014; Smith & Bundon, 2018).

Cinco entrevistados são beneficiários do Programa Bolsa Atleta. Este programa, do Governo Federal Brasileiro, visa incentivar a carreira e o desempenho esportivo de atletas com bons resultados a nível nacional e internacional (Brasil, 2004). O número de bolsas disponíveis, no entanto, não atende à demanda. Além disto, os valores pagos são insuficientes para as despesas básicas de subsistência da grande maioria dos atletas. Os valores vão de R\$ 370 (o equivalente a aproximadamente 57 euros) a R\$ 15000 (2300 euros). Apenas atletas com resultados expressivos a nível internacional e/ou durante os JP chegam a receber bolsas com valores maiores que vão de R\$ 1850 (284 euros) a R\$ 15000 (2300 euros). Além destas bolsas que são fornecidas pelo Governo Federal, alguns atletas de alto desempenho podem também receber bolsas de Governos Estaduais e Municipais. No entanto, muitos desistem antes de chegar em níveis que lhes permitam pleitear este tipo de suporte. Dentre os que permanecem no esporte, quase sempre dependem do auxílio de suas famílias e/ou de seu próprio trabalho em outras áreas para que possam dar continuidade à sua carreira como atletas (Mauerberg-deCastro et al., 2016).

Três entrevistados destacaram que outro fator que os desmotiva é a falta de reconhecimento, como profissional do esporte.

«As pessoas confundem com um hobby. . . você vem quando quer, nada quanto quer e vai embora. Alto rendimento não é bem assim! . . . Acham que por ser paralímpico é largado! . . . As pessoas desprezam o atleta paralímpico. . . Acham que é uma reabilitação. . . Não levam a sério! . . . Eu fico chateado porque desacreditam do meu trabalho» (JOÃO LUCAS, Natação, 43 anos).

A carência de informações sobre o paradesporto gera uma visão distorcida a respeito do mesmo (Marques et al., 2013, 2014). Muitos o entendem como mera recreação. A falta de informações adequadas sobre os possíveis benefícios da prática esportiva por parte de PCC pode ser um dos fatores que interferem no ingresso tardio deste público no esporte (Sousa, 2014).

Três participantes citaram problemas de acessibilidade e mobilidade urbana como barreiras para a prática esportiva:

«Tem vários lugares que não tem acesso. Ele [outro

atleta cadeirante] precisa de ajuda para subir. . . ginásios por exemplo, nem todos têm acessibilidade. A maioria é feito só para quem consegue ter uma boa movimentação» (EDIANDRO, Vôlei sentado).

«Sofremos muito com isso! As vezes o hotel é chique, mas não tem banheiro adaptado ou só um liberado! . . . Muitas vezes os alojamentos não estavam preparados para nos receber» (CARMEN, Atletismo).

A falta de acessibilidade interfere diretamente na possibilidade de autonomia das PCC. Se as pessoas com comprometimento físico que utilizam cadeira de rodas encontrassem condições adequadas para se locomover, elas não precisariam da ajuda de outras pessoas para ir e vir livremente. A falta de acessibilidade impede que as PCC compareçam a determinados locais e eventos. Isto pode interferir negativamente em seu estado psicológico e contribuir para com a sua segregação e exclusão social (Benfica, 2012; Lima et al., 2013; Silva & Howe, 2012). A falta de acessibilidade e mobilidade urbana foram apontadas como barreiras para o desenvolvimento esportivo de PCC também em outras pesquisas (Haiachi et al., 2016; Mauerberg-deCastro et al., 2016). Embora o Brasil tenha leis avançadas no sentido da promoção dos direitos das PCC, a efetiva implementação destas leis é ainda incipiente (Kirakosyan, 2016).

Considerações finais

Os principais facilitadores citados pelos entrevistados para ingressarem e permanecerem no esporte foram: apoio motivacional e financeiro da família; inspirações geradas pelo exemplo de outros ACC através da mídia; socialização proporcionada através do contato com novas pessoas; ganhos financeiros com o esporte; incentivos por parte de centros de reabilitação e /ou profissionais da saúde sobre os possíveis benefícios da prática esportiva; ampliação de horizontes através de viagens para competições; melhoria de auto percepção e da percepção de outras pessoas em relação às suas capacidades; aumento de autonomia gosto pelo esporte e/ou pela competição; acesso a locais que ofertem gratuitamente EP. De acordo com todos os entrevistados, um grande fator motivacional para a sua permanência no esporte é que ele gera sentido e significado às suas vidas.

As principais barreiras para a permanência no esporte citadas pelos entrevistados foram: desgaste físico gerado pela prática esportiva de alto rendimento; baixa visibilidade do EP; falta de valorização e reconhecimento como atletas; falta de patrocínio; falta de acessibilidade.

Entrevistamos nove ACC, de alto rendimento de seis modalidades em Curitiba, capital do Paraná, no Brasil. Os nossos resultados não podem ser generalizados, uma vez que as realidades de atletas com diferentes tipos e graus de comprometimento, inseridos em diferentes modalidades e contextos socioculturais são diferentes. Mas eles nos permitem tecer algumas recomendações que podem ser úteis para a otimização de facilitadores e minimização de barreiras para o engajamento de PCC no EP de alto rendimento seja no Brasil ou em outros países com contextos similares.

Primeiramente, na mesma linha que outros autores como Haiachi et al. (2016) e Mauerberg deCastro et al. (2016), ressaltamos a necessidade da implementação de políticas públicas que fomentem o desenvolvimento do ACC desde a base. Estas políticas públicas precisam dar conta de questões básicas tais como a promoção de acessibilidade arquitetônica e de mobilidade urbana, criação e disponibilização de espaços e equipamentos adaptados e de livre acesso para PCC, e capacitação e contratação de profissionais qualificados para orientar a prática esportiva das PCC.

Faz-se também necessária uma maior divulgação do esporte para PCC e dos possíveis benefícios do engajamento no EP na mídia, escolas, centros de reabilitação e por via de profissionais da saúde. Desta forma, as PCC poderão se sentir mais motivadas - ou ser motivadas por seus pais ou responsáveis - a criarem hábitos saudáveis para a prática esportiva. Uma maior divulgação midiática do EP poderá também contribuir para com um maior reconhecimento das potencialidades e habilidades das PCC não só no esporte, mas também em outras atividades, ajudando na redução de estigmas e preconceitos relacionadas com as mesmas. Esta divulgação poderá também contribuir para que o EP vá pouco a pouco se tornando parte da cultura esportiva da população, o que poderá atrair mais praticantes e investimentos para o EP.

Para finalizar, gostaríamos de ressaltar a necessidade de mais estudos que explorem os facilitadores e barreiras para a prática esportiva por parte de pessoas com diferentes tipos comprometimentos, de faixas etárias e contextos distintos, e engajadas em diferentes modalidades esportivas. Desta forma poderemos melhor entender as complexidades envolvidas para o efetivo engajamento das PCC no EP.

Agradecimentos

O presente artigo foi realizado com apoio da bolsa de Iniciação Científica, PIBIC/CNPq.

Referências

- Amorim, M., Corredeira, R., Sampaio, E., Bastos, T., & Botelho, M. (2010). Goalball: Uma modalidade desportiva de competição. *Revista Portuguesa de Ciências Do Desporto*, 10(1), 221–229. <https://doi.org/10.5628/rpcd.10.01.221>
- Araújo, D. de S., Giordano, R. H., Lima, S. D. S., Gomes, J. F., Carvalho, I. P., Lima, E. B., Pereira, Silva, H. da, Guisande, J. D. R., Barros, N. P., & Costa, L. G. T. (2020). Paracanoagem: Relato das ações de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas na Universidade Federal do vale do São Francisco. *Anais Do XI Congresso Brasileiro de Atividade Motora Adaptada (CBAMA)*, 7. <https://doity.com.br/anais/cbama2019/trabalho/116625>
- Benfica, D. T. (2012). *Esporte paraolímpico: analisando suas contribuições nas (re)significações do atleta com deficiência* [(Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, MG, Brasil]. https://www.locus.ufv.br/bitstream/123456789/3473/1/texto_completo.pdf
- Biduski, G. M., Seron, B. B., Bertoli, J., Rossato, M., & Freitas, C. de la R. (2016). Barreiras e facilitadores para a prática de esportes adaptados na Universidade Federal de Santa Catarina. *V Congresso Paradesportivo Internacional*, 481–486. <https://doi.org/10.19177/reen.v6e32013105-124>
- Bragaru, M., van Wilgen, C. P., Geertzen, J. H. B., Ruijs, S. G. J. B., Dijkstra, P. U., & Dekker, R. (2013). Barriers and facilitators of participation in sports: A qualitative study on dutch individuals with lower limb amputation. *Plos One*, 8(3), 1–9. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0059881>
- Brasil. (2004). *Ministério do Esporte*. <https://www.gov.br/cidadania/pt-br/acoes-e-programas/bolsa-atleta>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101. <https://doi.org/https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Brazuna, M. R., & Mauerberg-deCastro, E. (2001). A trajetória do atleta portador de deficiência física no esporte adaptado de rendimento. Uma revisão da literatura. *Motriz*, 7(2), 115–123. <http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/07n2/Brazuna.pdf>
- Brittain, I. (2010). Media, Marketing and Disability Sport. In *The Paralympic Games Explained* (pp. 72–90). Abingdon: Routledge.
- Buffart, L. M., Westendorp, T., Van Den Berg-Emons, R. J., Stam, H. J., & Roebroek, M. E. (2009).

- Perceived barriers to and facilitators of physical activity in young adults with childhood-onset physical disabilities. *Journal of Rehabilitation Medicine*, 41(11), 881–885. <https://doi.org/10.2340/16501977-0420>
- Campos, R. C., Cappelle, M. C. A., & Maciel, L. H. R. (2017). Carreira esportiva: O esporte de alto rendimento como trabalho, profissão e carreira. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 18(1), 31–41. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbop/v18n1/04.pdf>
- Cardoso, V. D. (2011). A reabilitação de pessoas com deficiência através do desporto adaptado. *Revista Brasileira de Ciências Do Esporte. Florianópolis*, 33(2), 529–539. <https://doi.org/10.17058/cinergis.v16i4.6612>
- Cardoso, V. D., Haiachi, M. D. C., Poffo, B. N., Velasco, A. P., & Gaya, A. C. A. (2018). A contribuição da mídia na construção dos ídolos paralímpicos brasileiros. *Cadernos de Educação Tecnologia e Sociedade*, 11(1), 78. <https://doi.org/10.14571/brajets.v11.n1.78-86>
- Cardoso, V. D., Haiachi, M. D., Filho, A. R. R., & Gaya, A. C. A. (2019). Motivos para a continuidade de atletas no esporte paralímpico brasileiro. *Revista Iberoamericana de Psicología Del Ejercicio y El Deporte*, 14(1), 8–11. <https://www.riped-online.com/articles/reasons-for-continuity-of-athletes-in-brazilian-paralympic-sport.pdf>
- Carmona, E. K. (2015). *Atletas deficientes visuais sul-riograndenses nos jogos paralímpicos: Cenários e memórias* [(Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil]. <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/127664/000974478.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- Cherney, J. L., Lindemann, K., & Hardin, M. (2015). Research in communication, disability, and sport. *Communication and Sport*, 3(1), 8–26. <https://doi.org/10.1177/2167479513514847>
- Coakley, J., & Pike, E. (2013). Age and ability: Are they barriers to participation e inclusion in sports? In *Age & Ability in Sports*. [http://www.pgedf.ufpr.br/downloads/Artigos PS Mest 2018/ELS/Dora/UFPR - Age & ability in sports.pdf](http://www.pgedf.ufpr.br/downloads/Artigos%20Mest%202018/ELS/Dora/UFPR-Age%20and%20ability%20in%20sports.pdf)
- Coates, J., & Vickerman, P. (2016). Paralympic legacy: exploring the impact of the Games on the perceptions of young people with disabilities people with disabilities. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 33(4), 338–357. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27874305/>
- Comitê Paralímpico Internacional. (2017). *Guia do Comitê Paralímpico Internacional (IPC)*. https://www.paralympic.org/sites/default/files/d_o_c_u_m_e_n_t_/170307082822939_2017_03_03+IPC+Style+Guide.pdf
- Costa, M. de O., Labronici, R. H. D. D., Mattos, E. de, Cunha, M. C. B., Oliveira, A. S. B., & Gabbai, A. A. (2002). Bocha: Uma modalidade esportiva recreacional como método de reabilitação. *Revista Neurociências*, 10(1), 24–30. <https://periodicos.unifesp.br/index.php/neurociencias/article/view/8906/7582>
- Da Costa, L. C. A., Vissoci, J. R. N., Modesto, L. M., & Vieira, L. F. (2014). O sentido do esporte para atletas de basquete em cadeiras de rodas: Processo de integração social e promoção de saúde. *Rev. Bras Ciênc. Esporte, Florianópolis*, 36(1), 123–140. <http://www.scielo.br/pdf/rbce/v36n1/0101-3289-rbce-36-01-00123.pdf>
- De Araújo, A. C. S. (2017). *Análise dos facilitadores e das barreiras para a prática de natação pela pessoa com deficiência física* [(Dissertação de mestrado). Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil]. https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/24395/1/2017_AlessandraCristinaSilvadeAraujo.pdf
- Faria, M. D. de, & Carvalho, J. L. F. (2011). Uma análise semiótica do potencial mercadológico da imagem de atletas paraolímpicos. *Gestão e Sociedade*, 4(9), 32. <https://doi.org/10.21171/ges.v4i9.994>
- Fermino, A. L. (2020). *Os benefícios e os significados da participação em um grupo de bocha paralímpica no município de Curitiba/PR* [(Tese de doutorado). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil]. <https://doi.org/10.1017/CBO9781107415324.004>
- Florence, R. B. P. (2009). *Medalhistas de ouro nas paraolimpíadas de Atenas 2004: Reflexões de suas trajetórias no desporto adaptado* [(Tese de doutorado). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, SP, Brasil]. <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/274783>
- Haiachi, M. de C., Cardoso, V. D., Reppold Filho, A. R., & Gaya, A. C. A. (2016). Reflections on the career of Brazilian paralympic athletes. *Ciência e Saude Coletiva*, 21(10), 2999–3006. <https://doi.org/10.1590/1413-812320152110.18512016>
- Hutzler, Y., & Bergman, U. (2011). Facilitators and barriers to participation while pursuing an athletic career: Retrospective accounts of swimmers with disabilities. *Therapeutic Recreation Journal*, 45(1), 1–16. <https://js.sagamorepub.com/trj/article/view/29>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2010). *Censo demográfico 2010: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência* (IBGE (ed.)).

- <https://doi.org/ISSN 0101-4234>
 Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2015). *Pesquisa nacional por amostra de domicílios (PNAD): Práticas de Esporte e atividade física*. <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv100364.pdf>
- Jaarsma, E. A. (2014). *Sports participation and physical disabilities: Taking the hurdle/ ?!* <https://www.kennisbanksportenbewegen.nl/?file=3688&m=1422883372&action=file.download>
- Jaarsma, E. A., Dijkstra, P. U., Geertzen, J. H. B., & Dekker, R. (2014). Barriers to and facilitators of sports participation for people with physical disabilities: A systematic review. *Scandinavian Journal of Medicine and Science in Sports*, 24(6), 871–881. <https://doi.org/10.1111/sms.12218>
- Jaarsma, E. A., Geertzen, J. H. B., de Jong, R., Dijkstra, P. U., & Dekker, R. (2014). Barriers and facilitators of sports in Dutch Paralympic athletes: An explorative study. *Scandinavian Journal of Medicine and Science in Sports*, 24(5), 830–836. <https://doi.org/10.1111/sms.12071>
- Kirakosyan, L. (2016). Promoting disability rights for a stronger democracy in Brazil: The role of NGOs. *Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly*, 45(0489), 114S–130S. <https://doi.org/10.1177/0899764015602129>
- Kristén, L., Patriksson, G., & Fridlund, B. (2002). Conceptions of children and adolescents with physical disabilities about their participation in a sports programme. *European Physical Education Review*, 8(2), 139–156. <https://doi.org/10.1177/1356336X020082003>
- Labronici, R. H. D. D., Cunha, M. C. B., De Oliveira, A. S. B., & Gabbai, A. A. (2000). Esporte como fator de integração do deficiente físico na sociedade. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, 58(4), 1092–1099. <https://doi.org/10.1590/s0004-282x200000600017>
- Lima, S. S. C., Carvalho-freitas, M. N., & Santos, L. M. M. (2013). Repercussões psicossociais da acessibilidade urbana para as pessoas com deficiência física. *Psico, Porto Alegre*, 44(3), 362–371. <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/15823/10411>
- Marques, R. F. R., Gutierrez, G. L., Almeida, M. A. B. de, & Menezes, R. P. (2013). Mídia e o movimento paralímpico no Brasil: relações sob o ponto de vista de dirigentes do Comitê Paralímpico Brasileiro. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 27(4), 583–596. <https://doi.org/10.1590/s1807-55092013000400007>
- Marques, R. F. R., Gutierrez, G. L., Almeida, M. A. B. de, Nunomura, M., & Menezes, R. P. (2014). A abordagem midiática sobre o esporte paralímpico: perspectivas de atletas brasileiros. *Movimento (ESEFID/UFRGS)*, 20(3), 989–1015. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.41955>
- Martin, J. J. (2010). The psychosocial dynamics of youth disability sport. *Sport Science Review*, 19(5–6), 49–69. https://www.researchgate.net/publication/265290884_The_Psychosocial_Dynamics_of_Youth_Disability_Sport
- Mauerberg-deCastro, E., Campbell, D. F., & Tavares, C. P. (2016). The global reality of the Paralympic Movement: Challenges and opportunities in disability sports. *Motriz. Revista de Educação Física*, 22(3), 111–123. <https://doi.org/10.1590/S1980-6574201600030001>
- Mauerberg-DeCastro, E., Figueiredo, G. A., Iasi, T. C. P., & Bagatini, L. (2016). Fatores que afetam a carreira esportiva de alto rendimento do atleta com deficiência: Uma análise crítica. *Revista Da Sobama*, 17(2), 23–30. <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/sobama/article/view/6827>
- Oliveira, C. H. S. de, Prada, A. C. B., Boato, E. M., Silva, J. V. P. da, Sampaio, T. M. V., & Campbell, C. S. G. (2013). O goalball como possibilidade de inclusão social de pessoas Com deficiência visual. *Pensar a Prática*, 16(1), 165–182. <https://doi.org/10.5216/rpp.v16i1.16460>
- Pack, S., Kelly, S., & Arvinen-Barrow, M. (2016). « I think I became a swimmer rather than just someone with a disability swimming up and down/ :» Paralympic athletes perceptions of self and identity development. *Disability and Rehabilitation*, 39(20), 2063–2070. <https://doi.org/10.1080/09638288.2016.1217074>
- Pereira, R., Osborne, R., Pereira, A., & Cabral, S. I. (2013). A importância do desporto de alto rendimento na inclusão social dos cegos: Um estudo centrado no Instituto Benjamin Constant - Brasil. *Motricidade*, 9(2), 94–105. [https://doi.org/10.6063/motricidade.9\(2\).2671](https://doi.org/10.6063/motricidade.9(2).2671)
- Ranieri, L. P. (2011). *Dimensões existenciais do esporte: Fenomenologia das experiências esportivas de atletas com deficiência visual* [(Dissertação de mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil]. https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/39/39134/tde-15042011-092854/publico/dissertacao_leandro_ranieri.pdf
- Samulski, D., & Noce, F. (2002). Perfil psicológico de atletas paraolímpicos brasileiros. *Revista Brasileira de Medicina Do Esporte*, 8(4), 157–166. <https://doi.org/10.1590/s1517-86922002000400005>
- Santos, S. M. dos, Furtado, S., Poffo, B. N., Velasco, A.

- P., & Souza, D. L. de. (2019). Mídia e Jogos Paralímpicos no Brasil: a cobertura da Folha de São Paulo entre 1992 e 2016. *Revista Brasileira de Ciências Do Esporte*, 41(2), 190–197. <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2018.03.012>
- Scelza, W. M., Kalpakjian, C. Z., Zemper, E. D., & Tate, D. G. (2005). Perceived barriers to exercise in people with spinal cord injury. *American Journal of Physical Medicine and Rehabilitation*, 84(8), 576–583. <https://doi.org/10.1097/01.phm.0000171172.96290.67>
- Scherer, R. L., Rodrigues, L. A., & Fernandes, L. L. (2011). Contribuição do goalball para a orientação e mobilidade sob a percepção dos atletas de goalball. *Pensar a Prática*, 14(3), 1–15. <https://doi.org/10.5216/rpp.v14i3.10777>
- Seron, B. B., Arruda, G. A. De, & Greguol, M. (2015). Facilitadores e barreiras percebidas para a prática de atividade física por pessoas com deficiência motora. *Revista Brasileira de Ciências Do Esporte*, 37(3), 214–221. <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2013.09.003>
- Silva, C. F., & Howe, P. D. (2012). The (In)validity of Supercrip Representation of Paralympian Athletes. *Journal of Sport & Social Issues*, 36(2), 174–194. <https://doi.org/10.1177/0193723511433865>
- Simões, A., Athias, L., & Botelho, L. (2018). *Panorama nacional e internacional da produção de indicadores sociais. Grupos populacionais específicos e uso do tempo*. IBGE. <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101562.pdf>
- Smith, B., & Bundon, A. (2018). Disability models: Explaining and understanding disability sport in different ways. In I. Brittain & A. Beacom (Eds.), *The Palgrave Handbook of Paralympic Studies* (1st ed., pp. 15–34). Palgrave Macmillan UK. <https://doi.org/10.1057/978-1-137-47901-3>
- Sousa, A. I. C. A. e. (2014). *A experiência vivida de atletas paralímpicos: Narrativas do desporto paralímpico português* [(Tese de doutorado). Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Porto, Portugal]. <http://cev.org.br/arquivo/biblioteca/4036941.pdf>
- Souza, D. L., & Brittain, I. (2021). The Rio 2016 Paralympic Games: Inspiration as a possible legacy for disabled Brazilians. *European Journal for Sport and Society*, 0(0), 1–16. <https://doi.org/10.1080/16138171.2021.1879363>
- Souza, D. L. de, & Brittain, I. (2020). The Rio 2016 Paralympic Games: The visibility of people with disabilities in Brazil as a possible legacy. *Communication and Sport*, 1–20. <https://doi.org/10.1177/2167479520942739>
- Stancil, M. A. (2017). *Physical activity and quality of life experienced by participants of a wheelchair basketball tournament* [(Dissertação de mestrado). Universidade da Flórida, Gainesville, UF, Estados Unidos]. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/18765861/>
- Stephens, C., Neil, R., & Smith, P. (2012). The perceived benefits and barriers of sport in spinal cord injured individuals: A qualitative study. *Disability and Rehabilitation*, 34(24), 2061–2070. <https://doi.org/10.3109/09638288.2012.669020>
- Swartz, L., Bantjes, J., Knight, B., Wilmot, G., & Derman, W. (2018). «They don't understand that we also exist»: South African participants in competitive disability sport and the politics of identity. *Disability and Rehabilitation*, 40(1), 35–41. <https://doi.org/10.1080/09638288.2016.1242171>
- Teodoro, C. M. (2006). *Esporte adaptado de alto rendimento praticado por pessoas com deficiência: Relatos de atletas paraolímpicos* [(Dissertação de mestrado). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP, Brasil]. <http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/1600#preview-link0>
- Torri, D., & Vaz, A. F. (2017). Esporte paralímpico: Dificil inclusão, incorporação tecnológica, corpos competitivos. *Práxis Educativa*, 12(2), 1–15. <https://www.redalyc.org/jatsRepo/894/89453001014/html/index.html>
- Tsutsumi, O., Cruz, S., Chiarello, B., Junior, D. B., & Alouche, S. R. (2004). Os benefícios da natação adaptada em indivíduos com lesões neurológicas. *Revista Neurociências*, 12(2), 82–86. http://www.revistaneurociencias.com.br/edicoes/2004/RN_12_02/Pages_from_RN_12_02-6.pdf
- Velasco, A., Santos, S. M. dos, & Souza, D. L. De. (2017). Os significados da prática do Goalball sob a ótica de atletas da modalidade. *Alesde*, 8(1), 43–58. <https://revistas.ufpr.br/alesde/article/view/49977/35178>
- Viana, D. F. W., & Mezzaroba, C. (2013). O esporte de alto rendimento faz mal à saúde? Uma análise das atletas da seleção brasileira de ginástica rítmica. *Motrivência*, 0(41), 190–205. <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2013v25n41p190>
- Wilson, N. C., & Khoo, S. (2013). Benefits and barriers to sports participation for athletes with disabilities: The case of Malaysia. *Disability and Society*, 28(8), 1132–1145. <https://doi.org/10.1080/09687599.2012.758034>
- Wu, S. K., & Williams, T. (2001). Factors influencing sport participation among athletes with spinal cord injury. *Medicine and Science in Sports and Exercise*, 33(2), 177–182. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/11224802/>